



O ciclo editorial da APP

João M. Videira Amaral

O actual Conselho Editorial (CE) da Acta Pediátrica Portuguesa (APP) foi constituído para o triénio 2005-2008 em coincidência com a Direcção da Sociedade Portuguesa de Pediatria (SPP) presidida pelo Dr. Gonçalo Cordeiro Ferreira.

Sendo a APP estatutariamente um órgão da SPP (funcionando com autonomia, mas em espírito de cooperação com esta, que é o garante da viabilidade económica e logística da revista), afigura-se lógico que no início de cada novo mandato de direcção da Sociedade se proceda a mudança da CE.

A este propósito, cabe informar que na transição para a nova direcção da SPP, já sob a presidência do Dr. Luís Januário, o mesmo manifestou confiança na Direcção cessante – a nossa – pelo trabalho desenvolvido no triénio anterior, e pondo nas nossas mãos a continuidade, ou não, dependendo da disponibilidade de cada elemento, o que muito sensibilizou todo o CE que testemunha aqui o agradecimento.

Entretanto, no âmbito de uma reunião alargada de todo o Conselho Editorial em Coimbra em Novembro de 2007, o Director da APP tomou conhecimento da indisponibilidade de continuação do Director Adjunto Prof. Álvaro Aguiar, do Coordenador de Edição Dr. Daniel Virella, e do Editor associado Prof. Jorge Saraiva, face a tarefas académicas em curso ou planeadas.

Nesta mesma reunião de trabalho reflectiu-se sobre a vantagem de as mudanças dos elementos a processar no CE se fazerem por fases, de modo gradual, com a finalidade de manter a funcionalidade e permitir uma passagem de testemunho mais efectiva e sem sobressaltos. Aliás, este modelo é o seguido em revistas de prestígio internacional (JPGN), como referiu o Dr. Jorge Amil Dias. Reflectiu-se igualmente sobre a especificidade de funções do Coordenador de Edição, de tipo profissionalizante, e exigindo um trabalho mais intenso, praticamente de tipo exclusividade.

Assim, por consenso, foram convidados os colegas Prof^a Guiomar Oliveira (Coimbra) para substituir o Prof. Jorge Saraiva, e o Dr. António Gomes (Lisboa), para substituir o

Dr. Daniel Virella. Estes colegas, ulteriormente contactados pelo Director da APP, aceitaram o convite.

Decidiu-se também por consenso que se tornava indispensável que o Dr. António Gomes trabalhasse em sobreposição com o Dr. Daniel Virella durante parte do ano de 2008. Assim aconteceu e o Dr. António Gomes, de facto, até à data, tem desempenhado funções associado ao Dr. Daniel Virella (dois Coordenadores de Edição), o que se processará até à saída deste.

Foi também aprovado o novo organograma da APP que é divulgado na presente edição.

Desta metodologia foi dado conhecimento ao Dr. Luís Januário, Presidente da SPP.

O Director da APP agradece, nesta circunstância, de modo especial aos colegas que cessaram funções (Director Adjunto – Prof. Álvaro Aguiar, e Editor Associado – Prof. Jorge Saraiva) pelo elevado espírito de missão demonstrado no triénio. Igualmente agradece a compreensão e o espírito de solidariedade do Dr. Daniel Virella em prol da APP, mantendo-se em sobreposição de funções com o Dr. António Gomes, seu sucessor num futuro próximo.

O testemunho de muito apreço pela aceitação do convite da Prof^a Guiomar Oliveira e Dr. António Gomes, assim como pelo apoio incondicional e altamente empenhado dos Editores Associados que continuam a integrar o Conselho Editorial: Prof. Luís Pereira da Silva e Dr. Jorge Amil Dias; o primeiro, exercendo funções em Lisboa e mais perto da sede da SPP, assessorou sempre e substituiu com eficácia e eficiência o Coordenador de Edição nas suas ausências em eventos científicos ou férias; o segundo, embora residindo no Porto, esteve sempre presente e disponível com contributos de diversa índole, em grande espírito de inovação, que são uma mais valia para a APP.

Os agradecimentos são extensivos aos Revisores, aos Editores Correspondentes, a todos os Colegas que integram o Conselho Científico, assim como à D. Maria Júlia Brito que coordena o secretariado.

Para finalizar, a admiração pela confiança manifestada e pelo trabalho desenvolvido pela anterior Direcção da SPP

Correspondência:

João M. Videira Amaral
Director da Acta Pediátrica Portuguesa
app@spp.pt

presidida pelo Dr. Gonçalo Cordeiro Ferreira, e que acompanhou no triénio o CE da APP.

Ao actual Presidente da SPP, Dr. Luís Januário e colaboradores, reiterando os agradecimentos pela confiança manifestada, desejo-lhes em nome pessoal e de todo o CE as maiores felicidades e os maiores êxitos na prossecução dos

objectivos programáticos que continuarão seguramente a contribuir para os progressos e prestígio da Pediatria portuguesa.

João M. Videira Amaral
(Director da Acta Pediátrica Portuguesa)

Recusa de indexação na Medline®: discriminação ou veredicto inevitável? Um ponto de vista.

Luís Pereira-da-Silva

Editor Associado da Acta Pediátrica Portuguesa.

A segunda candidatura da Acta Pediátrica Portuguesa (APP) à indexação na Medline® foi reprovada pela instituição que a representa, a National Library of Medicine (National Institutes of Health, EUA). Na primeira tentativa, há anos, foram apontadas insuficiências de forma e de conteúdo. O grupo editorial esforçou-se, pedindo aos autores que acompanhassem nessa tarefa. No veredicto a esta segunda candidatura não houve qualquer reparo a aspectos formais, chegando-nos um lacónico “*The indexing priority assigned to the Journal by the Committee was not high enough for the title to be indexed by the Library at this time*”.

Fiquei desapontado; frustrado como editor associado, autor, revisor, leitor, pediatra português. A princípio, pensei “cá para os meus botões”: “isto são *lobbies*”. Depois, parei e reflecti. Coloquei-me, sim, no lugar dos leitores e editores de revistas médicas internacionais. Reconheci que o que se procura num artigo é sobretudo a novidade, algo que melhore a prática clínica ou traga mais-valia para o conhecimento do mecanismo das doenças. A literatura técnica requer rigor, credibilidade baseada na evidência. São os artigos que divulgam o resultado de investigação que efectivamente despertam interesse na comunidade científica e são as revistas com verdadeira arbitragem por pares (*peer-review*), veiculando essa informação, que se tornam úteis, apetecíveis, e têm admissão fácil nas bases bibliográficas internacionais, venham da parte do Globo que vierem. Nisto, não há discriminações.

O que se passa então com o órgão da nossa Sociedade? O grupo editorial que tem orientado a APP no último triénio (2005-7) procurou, entre outras estratégias, privilegiar os estudos originais, limitando a proporção de casos clínicos e artigos de revisão publicados em cada número. Mesmo

assim, numa recente análise bibliométrica à APP (não publicada)¹, concluiu-se que cerca de 60% dos artigos actualmente publicados não dizem respeito a investigação. Relativamente a esta, a maioria dos estudos (~60%) correspondem a casuísticas ou estudos retrospectivos descritivos, os quais não são frequentemente classificados como investigação, por não testarem hipóteses^{2,3}. Se não tivessem sido considerados como investigação, esta limitaria-se a 16% do que é publicado na APP.

O que leva a esta aridez na investigação, com escassez de estudos retrospectivos analíticos de caso-controlo (~6%) e de estudos prospectivos observacionais e de intervenção (~17%)¹? Os estudos de caso-controlo são económicos e fáceis de realizar, o exemplo de como se pode rentabilizar o tempo desperdiçado a rever de modo meramente descritivo enormes séries de casos. Ao aleatorizar um número necessário de casos (dessas mesmas casuísticas) e compará-los com um grupo de controlo, após adequado cálculo da dimensão das respectivas amostras, é possível dar um salto qualitativo, testar hipóteses, chegar a conclusões, ou gerar hipóteses para estudos prospectivos, mais robustos. No entanto, tal salto implica recorrer a métodos de aleatorização e ao cálculo da dimensão das amostras⁴. Parece simples, mas interrogo-me: quantos de nós tiveram uma tabela de números aleatórios na mão? Quantos são capazes de calcular a dimensão de amostras? Quantos hospitais centrais dispõem (mesmo que sob avença) de um serviço de epidemiologia clínica ou de biostatística que apoie os clínicos?

Tenho como referência uma conferência proferida por António Coutinho há dez anos⁵. O autor, baseado em dados bibliométricos internacionais, tocou com o dedo na ferida: a

Correspondência:

Luís Pereira-da-Silva
Editor Associado da Acta Pediátrica Portuguesa
l.pereira.silva@netcabo.pt